

Escalas de avaliação da identidade sociomoral e cívica: i - estrutura psicométrica

Susana Gonçalves

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra
Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação (UIDEF) - Universidade de Lisboa

Valentim Rodrigues Alferes

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra

Resumo

Descrivem-se três escalas originalmente construídas para avaliar as orientações cognitivas, sociais e políticas de estudantes do ensino superior: a *Escala de Identidade Sociomoral* (EISM), a *Escala de Sensibilidade Sociomoral* (ESSM) e a *Escala de Democraticidade* (ED). A análise psicométrica teve por base uma amostra de 860 estudantes do ensino superior (Gonçalves, 2005). Os dados obtidos indicam que as escalas possuem uma estrutura factorial clara e as diversas subescalas são internamente consistentes. Em dois artigos subsequentes, serão apresentados os estudos de validade e as investigações substantivas envolvendo os constructos subjacentes às escalas aqui descritas.

Palavras chave

Identidade sociomoral, Orientação cívica, Avaliação psicométrica

Abstract

In this article we describe three psychometric scales originally designed by the authors – the Scale of Sociomoral Identity (EISM), the Scale of Sociomoral Sensitivity (ESSM) and the Scale of Democratic orientation (ED) – aiming to assess the cognitive, social and political orientations of university students. The scales were tested with a sample of 860 subjects. Further studies using these scales show that its psychometric characteristics make it useful and valid instruments of measurement of psychosocial parameters such as sociomoral and political identity of university students.

Key-words

Sociomoral Identity, Civism, Psychometric assesment

A evolução da identidade sociomoral, política e cívica e o grau de complexidade do modo como cada indivíduo se vê a si mesmo enquanto pessoa moral e cidadão dependem de experiências sociais como a educação, a ocupação profissional, a actividade política e social, as actividades com os pares e a família, os encontros sociais com pessoas moralmente exemplares e a própria mentalidade cultural, que funciona como um filtro da percepção e interpretação das experiências de vida (Berkowitz, Gibbs & Broughton, 1980; Colby & Damon, 1995; Gardner, Csikszentmihalyi & Damon, 2001; Haan, Smith & Block, 1968; Walker, 1986, cit. in Walker, 1995). À semelhança dos grandes “marcadores sociais” (e.g., idade, género, classe social, etnia, profissão), todas estas experiências sociais estão associadas ao desenvolvimento cognitivo e moral e, de uma forma mais geral, ao desenvolvimento da própria personalidade. Como afirmam Colby e Damon (1995), “ao interagir com contextos sociais *particulares* — relacionamentos, ambientes, instituições e organizações culturais —, os indivíduos desenvolvem adaptações que constituem a sua configuração única de valores, crenças, ideologias, características de personalidade e padrões de comportamento” (p. 343).

Ainda que fortemente condicionada pelas marcações sociais objectivas e pelos vínculos que o indivíduo estabelece com as comunidades e grupos sociais de pertença, a evolução da identidade é, igualmente, determinada pelas “teorias do *self*” ou princípios cognitivos em que a pessoa se baseia para organizar coerentemente e tornar significativo o seu autoconceito (Epstein, 1973; Hart, Yates, Fegley & Wilson, 1995; Ross & McFarland, 1988). Segundo estas concepções, a identidade constitui-se como um conjunto de crenças que evoluem em função das intenções, projectos de vida, contextos relacionais, grupos de pertença e processo de comunicação (Bruner, 1991; Moscovici, 1984; Porzgen, 1995; Simons, Mechling, & Schreier, 1984; Tajfel, 1972, 1983).

Quando perspectivada como um sistema de crenças interrelacionadas de entendimento do eu, do mundo e da relação eu-mundo, a organização psicológica da identidade não é redutível nem a uma estrutura mental estável e rígida nem à histórica pessoal ou ao papel social do indivíduo nos grupos (Cantor & Kihlstrom, 1987). Pelo contrário, inclui uma dimensão de intencionalidade, estratégia e auto-regulação (Blasi, 1980, 1984; Campbell & Christopher, 1999; Colby & Damon, 1995; Damon & Gregory, 1997; Davidson & Youniss, 1995; Emler, 1983). O conceito de si engloba não apenas uma imagem de si mesmo, percebida e desejada, como também uma imagem do outro, percebido e desejado. Trata-se, por isso, de uma construção pessoal e social, que integra as representações das relações interpessoais e dos padrões de relacionamento social e moralmente aceitáveis. Como refere Emler (1983), na forma como cada um define a sua identidade há pouco espaço para a “anarquia moral”, onde os padrões de bem e de mal seriam meramente o fruto de visões privadas sobre a moralidade.

Como tal, as opções sociopolíticas do indivíduo podem também ser estudadas na sua relação com a identidade sociomoral. Além disso, a cidadania corresponde, em termos psicológicos, à dimensão sociopolítica e pública da identidade, na qual se definem as lealdades, deveres, direitos, reivindicações e expectativas face à sociedade, as expectativas sobre como queremos ser tratados e tratar os outros. A cidadania funciona, deste modo, como um elemento regulador e integrador da multiplicidade de (sub)identidades de cada sujeito (Ichilov, 2003).

Coloca-se, então, a questão de saber quais são as características distintivas dos indivíduos que manifestam níveis de maturidade social mais elevados, melhores competências de relacionamento social, atitudes e modos de envolvimento cívico mais democráticos, capacidades de liderança mais democrática, maior activismo, em suma, exemplaridade sociomoral. Tomando por base metodologias variadas (análise de psicobiografias, entrevistas, testes de raciocínio moral e inteligência e questionários psicossociais), vários estudos sobre pessoas moral e socialmente exemplares, líderes democráticos, activistas e profissionais altamente eficazes e socialmente responsáveis (e.g. Colby e Damon, 1995; Csikszentmihalyi, 1990, 1993; Gardner, 2002, 1995; Gardner, Csikszentmihaly & Damon, 2001; Hart et al., 1995; Rest, 1994) revelam que aquilo que está em jogo é menos uma questão de traços, temperamento, talentos ou aptidões inatas de ordem abstracta — e.g., criatividade, raciocínio ou discernimento puro) —, mas antes uma combinação de valores, disposições relacionais e de orientação para o outro, sensibilidades, princípios e competências que se desenvolvem ao longo do tempo e contribuem para a definição de um estilo de vida, de orientações intelectuais e sociomorais e para as opções de vida escolhidas.

Os estudos sobre a identidade das pessoas cívica e moralmente exemplares apontam para um cenário psicológico que parece incluir as seguintes características: *motivação* forte em áreas comportamentais específicas; clareza na determinação de objectivos pessoais, *confiança* nas capacidades pessoais para os atingir e crença na utilidade e mérito do trabalho pessoal; auto-estima sólida e autoconceito positivo, baseado em teorias do *self* evoluídas e complexas; *procura activa de informação* e persistência na resolução de problemas (reflexão crítica, mente aberta); *orientação intelectual para a complexidade* (espírito de iniciativa, dinamismo, criatividade, aceitação de riscos, tolerância à ambiguidade); *resistência à frustração* e capacidade de adiamento do reforço; capacidade de transformação de obstáculos em desafios; combatividade; detenção de *qualidades relacionais* como carisma, popularidade, capacidade de persuasão e mediação de conflitos; *orientação pró-social* sólida e respeito pelo outro (cooperação, generosidade, altruísmo, compaixão, empatia, sentido de justiça, tolerância) e senso de comunidade alargada; forte *consciência moral* (acções congruentes com valores e princípios morais). De forma global, este conjunto de qualidades pode ser designado por *complexidade, excelência* ou

sabedoria, no sentido de capacidade para usar faculdades e poderes pessoais excepcionais — discernimento excepcional sobre os contextos de decisão e resolução de problemas, capacidade de compreender e lidar com problemas mal estruturados ou reflexividade elevada criatividade, capacidade de liderança, conhecimentos aprofundados — com base no julgamento moral das consequências da acção e num senso de comunidade alargada (Csikszentmihalyi, 1993; Gardner, 1999; Marchand, 2003).

As escalas que a seguir se apresentam foram construídas de forma consistente com os pressupostos e resultados da investigação que acabamos de sumariar e têm como objectivo principal medir as seguintes dimensões da identidade sociomoral, da sensibilidade sociomoral e da orientação democrática: valores, atitudes e tendências de acção social perante a diversidade (étnica, cultural, de competências); orientação cognitiva (atitudes perante a ambiguidade, curiosidade intelectual, conformismo) orientação social (empatia, capacidade de ajuda, sentido de justiça) e sensibilidade aos problemas do mundo contemporâneo. Estas dimensões correspondem a aspectos fundamentais da sobrevivência, da adaptação e do desenvolvimento dos indivíduos e das organizações nas sociedades plurais e complexas, pelo que é importante construir instrumentos de avaliação dos construtos subjacentes, com vista à respectiva articulação conceptual e à explicitação das relações com outras dimensões da identidade e das experiências de vida.

1. Método

O estudo psicométrico das escalas tomou por base uma amostra de 860 estudantes do ensino superior, distribuídos por 16 cursos de três instituições de ensino superior de Coimbra: Universidade de Coimbra ($n = 455$; 36.3% da amostra total), Instituto Politécnico de Coimbra ($n = 312$; 52.9%) e Escola Superior de Enfermagem de Bissau Barreto ($n = 93$; 10.8%). A amostra é maioritariamente constituída por indivíduos do sexo feminino ($n = 671$; 78.0%), solteiros ($n = 815$; 94.4%), portugueses ($n = 827$; 96.3%) e católicos ($n = 705$; 82.0%). As idades variam entre 17 e 50 anos, com uma média de 20.9, desvio-padrão de 3.61 e mediana de 20.0, sendo o grupo etário dos 17 aos 19 anos o mais numeroso ($n = 388$; 45.3%), seguido do grupo etário dos 20 aos 22 anos ($n = 266$; 31.0%). As classes socioeconómicas média ($n = 421$; 49.0%) e baixa ($n = 398$; 46.3%) estão representadas de forma relativamente próxima, embora a maioria dos sujeitos se perceba subjectivamente como pertencente à classe média ($n = 608$; 70.7%). As respostas foram obtidas por meio de aplicações colectivas das escalas, integradas, em conjunto com outras variáveis no Questionário de atitudes, valores e comportamentos em estudantes do ensino superior, instrumento utilizado no âmbito de uma investigação de natureza mais abrangente (Gonçalves, 2005).

2. Estrutura psicométrica das escalas

2.1. Escala de Identidade Sociomoral (EISM)

2.1.1. Processo de construção

A *Escala de Identidade Sociomoral* (EISM) é um instrumento de auto-resposta destinado a medir as dimensões socioafectiva (orientação prosocial) e sociocognitiva (abertura à complexidade e curiosidade intelectual) da identidade sociomoral. Na construção da escala, procurámos cobrir toda a gama de características que a investigação mostrou ser relevante para a excelência, considerando, em simultâneo, a *mestria* em determinadas áreas de actividade e o discernimento e reflexão sobre as consequências morais da acção pessoal.

Com base na informação constante na literatura anteriormente sumariada, começámos por listar um grande número de situações que indicassem a presença e a intensidade dos vários atributos da excelência sociomoral (e.g., altruísmo, sentido crítico, inconformismo, aceitação de riscos)¹. Para formular os itens tomámos em consideração outras escalas sobre o tema (e.g., Robinson, Shaver & Wrightsman, 1991, 1999) e questionámos diversas pessoas (fizemos perguntas do tipo: “*dê exemplos de situações, actos ou características de pessoas que revelem combatividade*”; “*dê exemplos de comportamentos ou situações que mostrem que uma pessoa é moralmente bem formada*”).

Ao longo de vários meses, fomos registando estas expressões, frases, situações, tendo organizado uma lista de 260 frases. Depois de eliminados os itens redundantes e os itens ambíguos, apresentámos os 65 itens que compõem a escala final a uma amostra de 24 estudantes do ensino superior a quem pedimos que dissessem se compreendiam os itens, se os consideravam ambíguos, se lhes colocavam dúvidas de resposta, qual o significado dos mesmos. Uma vez que as respostas obtidas foram no sentido de afirmar a clareza dos itens, optámos por mantê-los na versão final da escala, a qual foi preenchida pela totalidade dos sujeitos.

Os 65 itens da EISM são respondidos e cotados numa escala de tipo Likert (1 = *discordo totalmente*; 5 = *concordo totalmente*). A ordem de apresentação dos itens foi aleatorizada, sendo 16 itens redigidos de forma negativa e posteriormente invertidos (ver *Quadro 2*).

2.1.2. Análise psicométrica

Procedemos à análise psicométrica da EISM, tendo em vista apurar a sua consistência interna e estrutura factorial. O primeiro componente explica 14.1% da variabilidade. Dezassete componentes principais atingem valores próprios superiores a 1, explicando 54.3% da variabilidade total. A matriz de intercorrelações é significativamente diferente de uma matriz de identidade (de acordo com o teste de Bartlett, $\chi^2 = 13963.22$, $p < .01$)

e a amostragem é suficientemente adequada (a medida de Kaiser-Meyer-Olkin é de .87 para o conjunto das 65 variáveis).

Considerando que o *scree test* de Cattell apontava para uma solução de 3 factores, efectuámos a extracção, rotação e interpretação deste número de factores. A análise da consistência interna dentro de cada factor revelou que a eliminação dos itens 11, 33 e 56 fazia subir o *alfa* de Cronbach da subescala 1 (de .84 para .85); a eliminação do item 27 fazia subir o *alfa* da subescala 2 (de .83 para .84) e a eliminação do item 26 fazia subir o *alfa* da subescala 3 (de .67 para .68). Como tal, e dada a existência de correlações fracas item-total no caso destes cinco itens (entre .11 e .27) optámos por eliminá-los, o que se traduziu na melhoria da consistência interna nas respectivas subescalas e da escala total (com a retirada destes itens o *alfa* de Cronbach, para a escala total sobe de .88 para .89), a qual passou a contar com 60 itens (ver em anexo, *Quadro A1*, itens eliminados). Efectuada nova análise factorial, para os 60 itens restantes, verifica-se que os três factores explicam 25.5% da variabilidade total — respectivamente 14.9%, 6.8% e 3.8% —, sendo as suas contribuições proporcionais, após rotação VARIMAX, de 41.6%, 36.6% e 21.8%.

No *Quadro 1*, apresentam-se os valores da consistência interna das subescalas e da escala total, após eliminação dos cinco itens. A escala total tem uma boa consistência interna, o mesmo acontecendo com os dois primeiros factores. O terceiro apresenta fraca consistência interna. As pontuações médias dos itens que retivemos variam entre 2.62 (item 43) e 4.69 (itens 16 e 61), como se pode ver no *Quadro 2*, onde apresentamos as saturações factoriais e as comunalidades.

Os factores integram 26, 21 e 13 itens, respectivamente. Os itens 62 (*F1*), 49 (*F2*), 13 e 23 (*F3*) saturam abaixo de .30, enquanto 16 outros itens têm saturações iguais ou superiores a .50. Quatro itens apresentam saturações acima de .30 em dois factores. É o caso dos itens 47 (*F1* e *F3*), 36 (*F1* e *F3*), 44 (*F1* e *F2*), 50 (*F2* e *F3*), 48 (*F2* e *F3*) e 9 (*F2* e *F3*)². Estas duplas polarizações, não reduzem a interpretabilidade dos factores, sendo notória a congruência conceptual entre os restantes itens integrados em cada factor. O Factor 1, que intitulámos *orientação social*, incide claramente no domínio socioafectivo, integrando aspectos como empatia, altruísmo e sentido de justiça. O Factor 2, que intitulámos *orientação cognitiva*, incide sobre o domínio cognitivo/intelectual e expressa a orientação para a complexidade (mente aberta), o pensamento divergente e a inteligência prática.

O Factor 3 é mais problemático, pois exceptuando o item com a saturação mais baixa, todos os restantes são itens que foram invertidos, sendo negativo o sentido da afirmação (e.g., item 18_ *Às vezes penso que sou um pouco fútil e superficial*; item 53_ *Para mim estudar é um sacrifício*; item 63_ *Só leio livros sérios se for obrigado*). Os conteúdos destes itens, agrupados como estão num factor, e anteriormente à sua inversão, parecem

incidir sobre a alienação intelectual, a passividade face à aprendizagem e à expansão do saber e a incapacidade de descentração. Se considerarmos também o item 23, parece ainda relacionar-se com as expectativas de controlo dos resultados próprios, ou seja, com o *locus* de controlo (Rotter, 1966; Cantor & Kilstrom, 1987, Sahakian, 1977). Porém, devemos ser cautelosos na interpretação deste factor. Visto que a escala se aplica no ensino superior, contexto onde é altamente valorizado o esforço cognitivo e a aprendizagem e onde é punida a ignorância e o seguidismo intelectual, consideramos que este factor pode estar contaminado pela desejabilidade social e que, por isso, deve ser tratado com reserva nos estudos empíricos baseados na EISM. Porque os itens foram invertidos intitulámos o Factor 3 *expansão dos horizontes intelectuais*.

Quadro 1

Análise da Consistência Interna da Escala de Identidade Sociomoral (EISM)

Subescala	Número de itens	Alfa de Cronbach	Correlações interitem		
			de Média	Mínima	Máxima
F1: Orientação Social	26	.85	.19	.00	.49
F2: Orientação Cognitiva	21	.84	.20	.03	.64
F3: Expansão dos Horizontes Intelectuais	13	.68	.13	.02	.40
Escala completa	60	.89	.12	-.18	.64

Quadro 2

Escala de Identidade Sociomoral (EISM): Médias, Desvios-Padrão e Saturações Factoriais para a Solução Rodada e Comunalidades dos Itens (N = 860)

Item	Factor 1: Orientação social	M	DP	Saturações			h^2
				F1	F2	F3	
60	Sou uma pessoa sensível aos problemas dos outros.	4.25	0.78	.67	.10	.16	.49
55	Gosto de ser útil aos outros.	4.39	0.70	.65	.11	.12	.45
12	Está na minha natureza preocupar-me com o bem estar dos outros.	4.17	0.79	.65	.08	.05	.43

65	Preocupa-me a possibilidade de ser injusto para com alguém.	4.34	0.80	.56	.04	.05	.32
10	A generosidade é uma das minhas características mais importantes.	3.85	0.85	.55	.07	-.01	.31
54	Sinto que é meu dever ajudar quem necessite da minha ajuda, mesmo que isso possa prejudicarme.	3.63	0.96	.54	.19	-.10	.34
61	Tenho grande admiração por pessoas corajosas e justas.	4.69	0.57	.54	.17	.16	.34
64	Quando vejo alguém em sofrimento fico facilmente comovido.	4.17	0.94	.51	-.04	.07	.27
58	Seria capaz de abdicar de um prémio ou privilégio, se outra pessoa o merecesse mais do que eu.	3.78	0.99	.50	.17	-.04	.28
40	Sou capaz de defender uma pessoa vítima de alguma injustiça, mesmo que isso me prejudique.	3.88	0.92	.48	.26	-.03	.30
3	Acima de tudo, sou uma pessoa honesta.	4.52	0.70	.46	.01	.24	.27
36	Não sou criado de ninguém: só trabalho para os outros se isso me trazer alguma vantagem*.	4.25	0.92	.44	-.12	.30	.30
39	Já tenho ajudado colegas meus a “acalmar os ânimos”, quando surgem conflitos entre eles.	3.97	0.89	.43	.16	.11	.22
47	Sou egoísta*.	4.28	0.93	.42	-.14	.37	.33
25	Nos conflitos com outras pessoas prefiro sempre encontrar soluções que contentem todas as partes.	4.06	0.90	.40	.02	-.03	.16
57	Tenho medo de que os meus actos possam prejudicar alguém.	3.79	1.11	.40	-.04	-.25	.22
44	Já dei algo que me fazia falta por sentir que fazia mais falta a outra pessoa.	3.47	1.05	.40	.32	-.16	.28
30	Compreendo com facilidade o ponto de vista dos outros.	3.76	0.77	.39	.17	.10	.19
37	Dou-me bem com quase toda a gente.	4.25	0.84	.36	.12	.10	.15
17	Comovo-me facilmente a ver um filme ou a ler um romance.	3.62	1.24	.36	-.05	-.02	.13
7	Aceito facilmente as diferenças entre as pessoas.	4.23	0.86	.35	.08	.19	.16
28	É frequente ajudar os colegas no estudo e depois faltar-me o tempo para eu próprio estudar as matérias que ainda não domino bem.	2.99	1.06	.35	.23	-.19	.21
59	Sei dar o braço a torcer quando reconheço que estou errado.	4.03	0.99	.35	.03	.14	.14
34	De um modo geral sou muito crítico em relação à injustiça.	4.35	0.82	.34	.28	.17	.22

1	A diplomacia e o diálogo são a base da minha relação com as outras pessoas.	4.29	0.79	.31	.09	.25	.16
62	Se não gostar de uma pessoa mas concordar com as suas ideias sou capaz de me por do seu lado numa discussão em público.	3.99	0.97	.28	.25	.09	.15

Nota 1. Indica-se em realce a saturação mais elevada de cada item.

Nota 2. Os itens seguidos do sinal * foram invertidos.

h^2 – comunalidade

Quadro 2 (continuação)

Item	Factor 2: Orientação Cognitiva	M	DP	Saturações			h^2
				F1	F2	F3	
41	Sou bastante criativo.	3.43	0.92	.02	.57	.04	.33
20	Tento sempre descobrir a utilidade das coisas, das ideias, dos assuntos.	3.98	0.77	.19	.55	.06	.34
51	Sou capaz de dizer a um professor que discordo da sua opinião.	3.36	1.25	.02	.54	.06	.29
42	Na minha vida diária, aplico muito do que aprendo nas aulas e nos livros.	3.38	0.92	.13	.52	.06	.29
15	Gosto de desafios.	4.18	0.85	.13	.51	.28	.36
24	Em trabalho de grupo participo activamente na apresentação de ideias.	4.07	0.85	.22	.50	.25	.37
46	Gosto de discutir ideias controversas.	3.92	0.94	.15	.49	.20	.30
29	Tenho sido capaz de resolver muitos problemas.	3.78	0.80	.18	.49	.06	.27
43	Já me tem acontecido descobrir falhas nas teorias que os livros ou os professores me apresentam.	2.62	1.07	-.01	.47	-.14	.24
19	Esforço-me por aprender muito e estar informado.	3.88	0.78	.12	.47	.18	.27
21	Acho que não tenho muito sentido crítico*.	3.71	1.06	-.16	.46	.28	.32
2	Penso que os meus colegas admiram a minha capacidade de reflexão.	3.13	0.79	-.02	.46	.06	.21
6	Encaro os problemas da vida de estudante como desafios.	3.85	0.91	.13	.45	.13	.23
50	Tenho consciência dos meus direitos e luto por eles.	3.95	0.85	.22	.44	.32	.34
22	Gosto de discutir assuntos sérios com pessoas experientes.	4.28	0.79	.26	.44	.18	.29
8	Por vezes, dinamizo os meus colegas para iniciativas importantes.	3.23	0.94	.14	.43	-.07	.21

5	Em comparação com os meus colegas, sinto que sou bastante informado.	2.90	0.85	-.13	.42	-.07	.20
14	Em trabalho de grupo participo activamente na execução das decisões tomadas pelo grupo.	4.13	0.81	.28	.40	.24	.30
45	Sinto-me bem quando tenho muitas tarefas para resolver.	2.97	1.13	.16	.37	.07	.17
31	O que se diz e aprende nas aulas não me deixa indiferente.	4.08	0.83	.22	.31	.18	.18
49	Sou um bom mediador de conflitos.	3.18	0.93	.23	.26	.02	.12

Nota 1. Indica-se em realce a saturação mais elevada de cada item.

Nota 2. Os itens seguidos do sinal * foram invertidos.

h^2 – comunalidade.

Quadro 2 (continuação)

Item	Factor 3: Expansão dos horizontes intelectuais	M	DP	Saturações			h2
				F1	F2	F3	
18	Às vezes penso que sou um pouco fútil e superficial ³ .	3.80	1.05	-.03	.16	.50	.27
63	Para mim estudar é um sacrifício*.	3.93	1.13	-.01	.18	.44	.23
53	Só leio livros sérios se for obrigado*.	3.97	1.03	.07	.16	.49	.27
35	Nem sempre compreendo os sentimentos dos outros*.	3.30	1.07	.19	-.07	.43	.22
48	Posso dizer que sou passivo e conformado*.	3.76	1.14	-.11	.38	.41	.32
52	Não gosto de ler*.	4.36	1.05	.10	.04	.41	.18
32	Nem sempre reparo que alguém ao meu lado precisa de ajuda*.	3.45	1.02	.18	-.04	.41	.20
16	Se ninguém desconfiasse, seria capaz de roubar*.	4.69	0.77	.19	-.08	.40	.20
4	Considero-me um pouco apagado(a)*.	3.58	1.13	-.12	.29	.38	.24
38	Não me preocupo muito com inovações. Acho que já está tudo inventado*.	4.23	0.95	.07	.19	.37	.18
9	É mais frequente ser eu a seguir as ideias dos outros do que o contrário*.	3.41	1.00	-.18	.36	.36	.29
13	A maioria das vezes não compreendo a utilidade dos temas dados nas aulas*.	3.13	1.14	-.14	.21	.28	.14
23	O meu destino depende, em grande parte, daquilo que eu fizer por mim.	4.60	0.69	.12	.16	.23	.09

Nota 1. Indica-se em realce a saturação mais elevada de cada item.

Nota 2. Os itens seguidos do sinal * foram invertidos.

h^2 – comunalidade.

2.2. Escala de Sensibilidade Sociomoral (ESSM)

2.2.1. Processo de construção

A construção da *Escala de Sensibilidade Sociomoral* (ESSM) teve por objectivo identificar o grau de sensibilidade moral do estudante face aos problemas do mundo contemporâneo. Como tal, tomámos como base para a construção dos itens as problemáticas (frequentemente referidos na comunicação social portuguesa) susceptíveis de serem reveladoras de desequilíbrios, carências ou perturbações nos seguintes domínios: ambiente e património (*aquecimento global, poluição, esgotamento de recursos, desastres nucleares, destruição de património cultural*), instabilidade política (*guerra, terrorismo*), comportamento cívico (*abstenção eleitoral*), saúde pública (*droga, sida*), desigualdade social (*pobreza, insucesso escolar das crianças de grupos minoritários*), violação de direitos humanos (*pena de morte, escravatura, exploração sexual*) e falta de ética política, comercial e profissional (*comercialização de produtos nocivos para a saúde pública, doping, incúria médica*).

De uma lista alargada de situações concretas, retivemos 19 itens que abordam situações representativas de todas estas áreas e cobrem todas estas problemáticas. A ESSM é uma escala de auto-resposta, sendo cada item respondido por meio de uma escala de tipo Likert (1 = *sensibiliza-me pouco*; 2 = *sensibiliza-me levemente*; 3 = *sensibiliza-me moderadamente*; 4 = *sensibiliza-me intensamente*). A sequência dos itens na apresentação final resulta de uma ordenação aleatória.

2.2.2. Análise psicométrica

Procedemos à análise psicométrica da ESSM, tendo em vista apurar a sua consistência interna e estrutura factorial. A análise em componentes principais indica que quatro componentes atingem valores próprios superiores a 1, explicando 48.6% da variabilidade total. O primeiro componente explica 25.8% da variabilidade. A matriz de intercorrelações é significativamente diferente de uma matriz de identidade (de acordo com o teste de Bartlett, $\chi^2 = 3435.99$, $p < .01$) e a amostragem é suficientemente adequada (a medida de Kaiser-Meyer-Olkin é de .87 para o conjunto das 19 variáveis).

Considerando que o *scree test* de Cattell apontava para uma solução de dois factores, efectuámos a sua extracção, rotação e interpretação. Após análise da consistência interna dentro dos factores verificámos que a eliminação do item 4 provocava a subida do valor do *alfa* de Cronbach da subescala 2 (de .62 para .67); como tal, e dada a existência de uma fraca correlação item-total ($r = .21$) optámos por eliminá-lo (ver em anexo, *Quadro A1*, item eliminado). Retirado o item, a consistência interna da escala total mantém o valor inicial de .81. Efectuada nova análise factorial, uma vez retirado o item 4, verifica-se que

os dois factores explicam 34.3% da variabilidade total (respectivamente 25.8% e 8.5%), sendo as suas contribuições proporcionais, após rotação VARIMAX, de 61.4% e 38.6 %.

No *Quadro 3*, apresentam-se os valores da consistência interna das subescalas e da escala total, após eliminação do item. As pontuações médias dos 18 itens que retivemos variam entre 2.25 (item 19) e 3.80 (item 17). O *Quadro 4* apresenta este dado, bem como as saturações factoriais e comunialidades dos itens. Verifica-se que o Factor 1 é composto por 14 itens e o Factor 2 pelos restantes 4. Exceptuando o item 15, incluído no Factor 2, mas com saturação factorial no factor 1 acima de .30, todos os itens saturam exclusivamente num dos dois factores, 14 deles apresentam saturações superiores a .50 e nenhum satura abaixo de .30 no factor respectivo.

Quadro 3

Análise da Consistência Interna da Escala de Sensibilidade Sociomoral

	Número de itens	Alfa de Cronbach	Correlações interitem		
			Média	Mínima	Máxima
Subescala					
Sensibilidade aos Problemas Humanos e Sociais	14	.79	.24	.02	.46
Sensibilidade aos Problemas Ambientais	4	.67	.35	.24	.48
Escala completa	18	.81	.22	.02	.48

A interpretação dos factores é inequívoca: o Factor 1 refere-se à sensibilidade sociomoral a problemáticas que envolvam pessoas ou grupos, enquanto o Factor 2 se refere à sensibilidade perante problemáticas ambientais. Designámos o Factor 1 *sensibilidade aos problemas humanos e Sociais* e o Factor 2 *sensibilidade aos problemas ambientais*.

Quadro 4

Escala de Sensibilidade Sociomoral (ESSM): Médias, Desvios-Padrão e Saturações Factoriais para a Solução Rodada e Comunalidades dos Itens (N = 860)

Item	M	DP	Saturações		h ²	
			F1	F2		
	Factor 1: Sensibilidade aos Problemas Humanos e Sociais					
16	Faz-se comércio sexual de crianças e mulheres através da Internet.	2.63	0.82	.63	.04	.40
10	O tráfico de droga é frequente junto às escolas.	3.74	0.57	.62	.10	.40
19	A escravatura ainda existe em alguns países.	2.25	0.98	.61	.11	.38
14	Existem bairros de lata em Portugal.	3.57	0.66	.59	.28	.43
9	Portugal é o país da Europa onde a taxa de jovens com sida cresce mais.	3.79	0.49	.57	.15	.35
13	As empresa farmacêutica comercializam medicamentos que são nocivos para a saúde de determinadas pessoas e por vezes omitem essa informação.	3.03	1.00	.56	.12	.33
6	Existe terrorismo na Europa.	3.60	0.72	.55	.12	.32
11	As crianças pobres e de minorias étnicas são as que têm mais insucesso escolar.	3.60	0.65	.54	.24	.35
5	No século XX não houve um só dia sem guerra.	2.84	0.98	.54	.09	.30
17	Por vezes há doentes que morrem por incompetência dos médicos.	3.80	0.52	.51	-.06	.27
8	Os desastres em centrais nucleares e a radioactividade provocam cancro e nascimentos de crianças com malformações genéticas.	2.86	1.06	.50	.31	.34
12	Um cientista está a tentar fazer a clonagem de seres humanos.	3.26	0.73	.40	.13	.17
7	A pena de morte é legal em certos estados dos EUA.	3.56	0.66	.33	.10	.12
18	Alguns desportistas recorrem ao doping para melhorar os seus resultados.	3.72	0.54	.32	.17	.13
	Factor 2: Sensibilidade aos Problemas Ambientais					
2	A maioria das pessoas não reciclam os desperdícios domésticos (papel, vidro, pilhas,...).	3.20	0.75	-.01	.83	.69
1	Sabe-se que o aquecimento global do planeta vai aumentar no século XXI.	3.21	0.79	.12	.75	.57
3	No nosso país, algumas fábricas despejam resíduos tóxicos nos rios.	3.73	0.52	.19	.72	.55
15	A construção de barragens provoca alterações sinérgicas e por vezes desaparecimento de património arqueológico	3.10	0.76	.37	.43	.33

Nota. Indica-se em realce a saturação mais elevada de cada item.
h² – comunalidade.

2.3. Escala de Democraticidade (ED)

2.3.1. Processo de construção

A *Escala de Democraticidade* (ED) avalia a orientação geral em matéria de tolerância sociopolítica e o grau de adesão a princípios democráticos gerais. A nossa estratégia para elaborar a escala tomou por base uma análise prévia dos princípios subjacentes à Declaração Universal dos Direitos Humanos⁴, dos quais seleccionámos 15 princípios⁵, subjacentes a 14 dos artigos da declaração. Uma vez que a Escala de Democraticidade procura identifica o grau de adesão a estes princípios e a sua relação com diferentes predisposições ou atitudes políticas e opções comportamentais, procurámos concretizar os princípios, que são de natureza abstracta, em situações sociopolíticas concretas, sobre as quais o estudante pudesse tomar uma posição clara, como se de um referendo se tratasse.

Elaborámos uma lista de situações concretas, envolvendo temas relevantes para a cidadania democrática, relativas a tópicos tão diversos como o colonialismo, as tradições culturais, a homossexualidade, a imigração, as diferenças raciais, a pena de morte, as práticas policiais coercivas, o sistema de justiça, a privacidade, as minorias étnicas, a religião, a educação, a comunicação social, o governo, o papel social da mulher, o emprego e a guerra. Todos estes temas são sujeitos a juízos de valor moral e sociopolítico e todos dão azo a dilemas morais e a questões social e moralmente controversas. Muitas das decisões e julgamentos nestes domínios dependem de orientações como a posição ideológica, as atitudes face à democracia ou o grau de aceitação do direitos individuais e colectivos de determinados grupos presentes na sociedade. A maturidade sociomoral e as competências de julgamento moral são também um factor decisivo nas escolhas do sujeito.

Algumas das questões que constam da versão final (*ver Quadro 6*), foram inspiradas em itens da Escala de Valores Democráticos (OVS Sample) de McClosky e Zaller (1984) e da Escala de Atitudes Face à Guerra de Stagner (1942), ambas reproduzidas em Robinston, Shaver e Wrightsman (1999).

No seu conjunto, os 27 itens são indicadores gerais da orientação sociopolítica e ideológica e, em geral, do grau de tolerância sociopolítica. A redacção de 16 destes itens apresenta afirmações contrárias aos princípios dos direitos humanos ou à democracia (por exemplo, “A pena de morte deveria ser aplicada a crimes graves”). As restantes 11 questões estão formuladas de forma positiva, consistindo em afirmações favoráveis a opções sociopolítica democráticas e respeitadoras dos direitos humanos (por exemplo, “Homens e mulheres devem ter exactamente as mesmas oportunidades no emprego, no que respeita a salários e ascensão na carreira”).

2.3.2. Análise psicométrica

Tal como nas escalas anteriores, efectuámos a análise psicométrica e apurámos a consistência interna e a estrutura factorial da escala. Começámos por observar a fraca correlação item-total no caso dos itens 7, 17, 19, 20, 23, 25 e 26 (valores inferiores a .18), existindo dois itens com correlações negativas (itens 17 e 23), pelo que optámos por eliminá-los. O alfa de Cronbach para a escala, considerados os 20 itens restantes, é de .75 (para a escala de 27 itens o valor do alfa era de .70). Também neste caso se verifica que a matriz de intercorrelações é significativamente diferente de uma matriz de identidade (de acordo com o teste de Bartlett, $\chi^2 = 2102.42$, $p < .01$) e a amostragem é suficientemente adequada (a medida de Kaiser-Meyer-Olkin é de .83 para o conjunto das 20 variáveis).

Uma vez efectuada a análise em componentes principais, cinco componentes principais atingem valores próprios superiores a 1, explicando 43.9% da variabilidade total. O primeiro componente explica 19.0% da variabilidade. Considerando que o *scree test* de Cattell apontava para uma solução de 3 factores, efectuámos a sua extracção, rotação e interpretação. Verifica-se que os 3 factores explicam 32.8% da variabilidade total (respectivamente 19.0%, 7.9% e 5.9%), sendo as suas contribuições proporcionais, após rotação VARIMAX, de 36.9%, 32.5% e 30.6%.

Após análise da consistência interna dentro dos factores, verificámos ainda que a eliminação do item 3 provocava a subida do valor do alfa de Cronbach da subescala 1 (de .63 para .65) e que dada a sua fraca correlação item-total (.24) seria desejável a sua eliminação, opção que tomámos (ver em anexo, *Quadro A1*, itens eliminados). A escala total, com os restantes 19 itens tem um alfa de Cronbach de .74.

No *Quadro 5* apresentam-se os valores da consistência interna das subescalas e da escala total, após eliminação dos itens. As pontuações médias dos 19 itens que retivemos variam entre 1.81 (item 5) e 2.94 (itens 13 e 14). O *Quadro 6* apresenta estes dados, as saturações factoriais e as comunalidades dos itens. O Factor 1 é composto por 5 itens, o Factor 2 por 7 itens e o Factor 3 por 7 itens.

Apenas um item satura abaixo de .30 no respectivo factor (item 22, do Factor 3) e 11 itens saturam acima de .50. O item 8 do Factor 2 satura também o Factor 3 (.32). Os factores são de fácil interpretação. O Factor 1 refere-se à valorização da igualdade e não discriminação, o Factor 2 integra situações referidas ao princípio da liberdade e aceitação do pluralismo democrático e o Factor 3 refere-se à aceitação do direito (de indivíduos e grupos sociais) a tratamento digno, à justiça e à paz. Assim, designámos estes factores como *igualdade* (Factor 1), *liberdade e pluralismo* (Factor 2) e *direito a tratamento digno, justiça e paz* (Factor 3).

Quadro 5

Análise da Consistência Interna da Escala de Democraticidade

	Número de itens	Alfa de Cronbach	Correlações interitem		
			Média	Mínima	Máxima
Subescala					
Igualdade	5	.65	.29	.20	.43
Liberdade e Pluralismo	7	.59	.18	.03	.29
Direito a Tratamento Digno, Justiça e Paz	7	.56	.15	.05	.32
Escala completa	19	.74	.15	-.02	.43

Quadro 6

Escala de Democraticidade (ED): Médias, Desvios-Padrão, Saturações Factoriais para a Solução Rodada e Comunalidades dos Itens (N = 860)

Item		M	DP	Saturações			h ²
				F1	F2	F3	
	Factor 1: Igualdade						
13	Os homens são mais dotados para a política, por isso não deve ser permitido um governo em que a maioria sejam mulheres.*	2.94	0.32	.72	.11	.00	.33
18	Os brancos têm mais capacidades naturais para certas actividades do que algumas minorias, por isso deveriam ter mais poderes.*	2.91	0.35	.69	.13	.19	.29
12	O Presidente da República de Portugal não deveria ser um indivíduo de cor, pois a maioria dos portugueses são brancos.*	2.86	0.46	.62	.28	.11	.47
14	Se uma empresa tiver que despedir alguns trabalhadores, aceita-se que sejam despedidas as mulheres casadas em primeiro lugar.*	2.94	0.29	.56	-.04	.11	.39
2	Os homens homossexuais devem ser considerados inaptos para o serviço militar.*	2.83	0.48	.48	.24	.05	.24
	Factor 2: Liberdade e Pluralismo						
9	No nosso país não deveríamos permitir a divulgação das crenças muçulmanas, pois são fundamentalistas e podem tornar-se perigosas.*	2.64	0.60	.13	.70	.08	.26

10	O ensino oficial deve ser católico, porque essa é a religião da maioria dos portugueses.*	2.59	0.69	.04	.57	.08	.51
24	O governo português pode incluir indivíduos ciganos de nacionalidade portuguesa.	2.62	0.62	.26	.52	.17	.33
11	A censura de jornais e livros deveria existir para proteger os padrões de moralidade e decência.*	2.65	0.65	.10	.50	.07	.26
15	Ensinar que determinadas pessoas e culturas são melhores que outras é legítimo, porque apenas reconhece um facto.*	2.74	0.58	.27	.42	.06	.47
8	O direito de uma família cigana ir morar para um determinado bairro ou prédio devia estar dependente da vontade dos que já lá vivem, a fim de evitar problemas e conflitos.*	2.42	0.77	.11	.38	.32	.54
21	Os ateus têm o direito a criticar a religião e a igreja, sem serem penalizados por isso. Factor 3: Direito a Tratamento Digno, Justiça e Paz	2.52	0.75	-.05	.30	.23	.33
4	A pena de morte deveria ser aplicada a crimes graves.*	2.12	0.88	-.01	.22	.65	.26
16	Por patriotismo poderá justificar-se a participação em qualquer guerra.*	2.69	0.58	.23	-.04	.54	.35
1	O colonialismo é aceitável, porque certos povos nativos não são capazes de governar bem o seu país.*	2.33	0.77	.03	.24	.52	.53
5	Em geral a polícia não deve usar a tortura, excepto se for pelo bem comum, nomeadamente no caso de terroristas, violadores ou grandes criminosos.*	1.81	0.89	-.18	.31	.51	.14
27	Não é legítimo recorrer a uma guerra, ainda que seja para preservar a honra da nação.	2.58	0.67	.29	-.14	.49	.10
6	Se o tribunal não tiver provas da culpa de um indivíduo que todos sabemos ser culpado, devemos fazer justiça por nossas mãos.*	2.54	0.68	.09	.13	.47	.36
22	A proibição das seitas religiosas não se justifica porque as pessoas têm direito às suas convicções religiosas.	2.62	0.65	.17	.06	.26	.34

Nota 1. Para cada item, indica-se em realce a saturação mais elevada.

Nota 2. Os itens seguidos do sinal * foram invertidos.

h^2 – comunalidade.

3. Conclusão

A Escala de Identidade Sociomoral (EISM), a Escala de Sensibilidade Sociomoral (ESSM) e a Escala de Democraticidade (ED) possuem uma estrutura factorial clara e as diversas subescalas são internamente consistentes. Se adoptarmos como critérios de avaliação os que foram usados por Robinson, Shaver & Wrightsman (1999) para escalas de valores e atitudes políticos, podemos dizer que os coeficientes alfa para a escala total são muito elevados na EISM e na ESSM e elevados na ED. As médias das correlações interitem são moderadas na EISM e na ED e elevadas na ESSM.

Em trabalhos posteriores daremos conta dos estudos de validade e das investigações substantivas envolvendo as escalas de avaliação da identidade sociomoral e cívica.

*Anexo**Quadro A1**Itens das escalas originais eliminados após análise inicial da consistência interna*

Itens/Sigla	Escala de Identidade Sociomoral (EISM)
E_IDE_11	É muito grave quando um estudante copia nos exames.
E_IDE_26	Detestaria sentir-me ignorante.
E_IDE_27	Envolve-me frequentemente em actividades de voluntariado, sem ter ganhos materiais por isso.
E_IDE_33	Copiar num teste deixar-me-ia muito envergonhado, mesmo que ninguém descobrisse.
E_IDE_56	Só empresto apontamentos das aulas aos colegas da minha confiança. [*] Escala de Sensibilidade Sociomoral (ESSM)
E_SEM_4	A maioria da população adulta portuguesa abstém-se de votar. Escala de Democraticidade (ED)
E_REF_03	Os imigrantes não devem ter direito ao voto, mesmo que residam legalmente no nosso país há muitos anos.
E_REF_07	Se uma pessoa for suspeita de planear um crime é aceitável que o seu telefone seja posto sob escuta e neste caso isso não deve ser visto como invasão da privacidade.
E_REF_17	Mesmo que algumas culturas tenham usos e costumes primitivos ou bárbaros, não temos o direito de acabar com elas.
E_REF_19	Mesmo que seja por uma boa causa, a polícia não deve quebrar as regras legais, pois isso põe em causa o sistema de justiça.
E_REF_20	As crianças têm tanto direito à sua privacidade como os adultos.
E_REF_23	Os jornais e televisões privados têm o direito de favorecer ou opor-se a qualquer grupo à sua escolha, mesmo que sejam tendenciosos e as suas opiniões se baseiem em falsidades.
E_REF_25	Homens e mulheres devem ter exactamente as mesmas oportunidades no emprego, no que respeita a salários e ascensão na carreira.
E_REF_26	Na escola, as crianças de grupos minoritários têm o direito a agir de acordo com os valores e tradições da sua comunidade cultural, por muito diferentes que sejam estes valores.

Bibliografia

- Alferes, V. R. (1997). *Investigação científica em psicologia: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Berkowitz, M., Gibbs, J. & Broughton, J. (1980). The relation of moral judgment stage disparity to developmental effects of peer dialogues. *Merrill-Palmer Quarterly*, 26, 341-357.
- Blasi, A. (1980). Bridging moral cognition and moral action: a critical review of literature. *Psychological Bulletin*, 88, 1-45.
- Blasi, A. (1984). Moral identity: it's role in moral functioning. In W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds.), *Morality, moral behavior, and moral development* (pp.128-139). New York: John Wiley & Sons.
- Bruner, J. (1991). *Car la culture donne forme à l'esprit: de la révolution cognitive à la psychologie culturelle*. Paris: Eshel.
- Campbell, R. L., & Christopher, J. C. (1999). *Self and values: an interactivist foundation for moral development*. Consultado em 21 de Outubro de 2003, <http://hubcap.clemson.edu/~campber/index.html>
- Cantor, N., & Kihlstrom, J. (1987). *Personality and social intelligence*. NJ: Prentice-Hall.
- Colby, A., & Damon, W. (1995). The development of extraordinary moral commitment. In M. Killen & D. Hart (Eds). *Morality in everyday life* (pp. 342-370). Cambridge: Cambridge University Press.
- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Flow: the psychology of optimal experience*. New York: Harper Perennial.
- Csikszentmihalyi, M. (1993). *Novas atitudes mentais: uma psicologia para o terceiro milénio*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- Damon, W., & Gregory, A. (1997). The youth charter: towards the formation of adolescent moral identity. *Journal of Moral Education*, 26 (2), 117-130.
- Davidson, P., & Youniss, J. (1995). Moral development and social construction. In W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds), *Moral development, an introduction* (pp. 289-310). Boston: Allyn and Bacon.
- Emler, N. (1983). Moral character. In H. Weinreich-Haste & D. Locke (Eds.), *Morality in the making: thought, action, and social context* (pp. 187-211). Chichester: John Wiley & Sons.
- Epstein, S. (1973). The self-concept revisited, or a theory of a theory. *American Psychologist*, 28, 404-416.
- Gardner, H (Fevereiro, 2002). Good work, well done: a psychological study. *The Chronicle*

- of *Higher Education*, 48(iss.24); pg. B.7. Consultado em 22 de Janeiro de 2004 na base de dados Proquest.
- Gardner, H. (1995). *Leading minds: an anatomy of leadership*. New York: Basic Books.
- Gardner, H. (1999). *Intelligence reframed: multiple intelligences for the 21st century*. New York: Basic Books.
- Gardner, H., Csikszentmihalyi, M. & Damon, W. (2001). *Good work: when excellence and ethics meet*. New York: Basic Books.
- Gonçalves, S. (2005). *Moralidade e excelência numa época de pluralismo: contributos do ensino superior*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Haan, N.; Smith, M. B., & Block, J. (1968). Moral reasoning of young adults: political-social behavior, family background, and personality correlates. *Journal of Personality and Social Psychology*, 10, 183-201.
- Hart, D., Yates, M., Fegley, S., & Wilson, G. (1995). Moral commitment in inner-city adolescents. In M. Killen & D. Hart (Eds). *Morality in everyday life*. (pp. 317-341). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ichilov, O. (2003). Education and democratic citizenship in a changing world. In D. O. Sears, L. Huddy, & R. Jervis (Eds.) *Oxford handbook of political psychology* (pp. 637-669). Oxford: Oxford University Press.
- Marchand, H. (2003). *An overview of the psychology of wisdom*. Consultado em 12 de Abril 2004: www.prometheus.org.uk.
- Moscovici, S. (1984). *Psychologie sociale*. Paris: PUF.
- Porzgen, B. (1995). The self and taking an intentional stance. In A. Oosterwegel & R. A. Wicklund (Eds.), *The self in European and North American culture: development and processes* (pp. 351-356). Dordrecht: Kluwer Academic, NATO Scientific Affairs Division.
- Rest, J. (1994). Background: theory and research. In J. R. Rest & D. Narváez (Eds.), *Moral development in the professions: psychology and applied ethics* (pp. 1-26). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Robinson, J. P., Shaver, P. R., & Wrightsman, L. S. (1991). *Measures of personality and social psychological attitudes*. San Diego: Academic Press.
- Robinson, J. P., Shaver, P. R., & Wrightsman, L. S. (1999). *Measures of political attitudes* (Vol. 1 e 2). San Diego: Academic Press.
- Ross, M., & McFarland, C. (1988). Constructing the past: biases in personal memories. In D. Bar-Tal & A. Kruglanski (Eds.), *The social psychology of knowledge* (pp. 299-314). Cambridge: Cambridge University Press.
-

- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80, 1-28.
- Sahakian, W. (1977). *Psychology of personality: readings in theory*. Chicago: Rand McNally College Publishing Company.
- Simons, H., Mechling, E., & Schreier, H. (1984). The functions of human communication in mobilizing for action from the bottom up: the rhetoric of social movements. In C. Arnold & J. Bowers (Eds.), *Handbook of rhetorical and communication theory* (pp. 792-867). Boston: Allyn and Bacon.
- Tajfel, H. (1972). La categorization sociale. In S. Moscovici (Ed.), *introduction à la psychologie sociale* (Vol. 1, pp. 272-303). Paris: Larrousse.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais* (Vol. I e Vol. II). Lisboa: Horizonte.
- Walker, L. J. (1995). Sexism in Kohlberg's moral psychology? In W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds.), *Moral development: An introduction* (pp. 83-108). Boston: Allyn & Bacon.

(Endnotes)

1 Vejamos, a título de exemplo, os indicadores do altruísmo. Registámos um conjunto diversificado de situações que pudessem indiciar o comportamento altruísta e a predisposição para o mesmo. Identificámos situações exemplares de comportamento de ajuda, tendo em consideração, em particular, as situações em que o comportamento de ajuda implica prejuízo próprio (por exemplo: sou capaz de defender uma pessoa vítima de alguma injustiça, mesmo que isso me prejudique) e não envolve ganhos pessoais (por exemplo: envolvo-me frequentemente em actividades de voluntariado social, sem ter ganhos materiais por isso). Pensámos também em itens referentes a situações genéricas (por exemplo: considero-me uma pessoa altruísta). Procedemos de forma idêntica para as diferentes componentes da identidade sociomoral, atendendo ao perfil acima descrito.

2 Com excepção do item 9, todos os itens foram agrupados no factor que se indica em primeiro lugar. No caso do item 9, dada a saturação idêntica em ambos os factores, optámos por incluí-lo no Factor 3, o que se traduz numa ligeira subida do alfa.

4 Declaração adoptada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua Resolução 217 A (III) de 10 de Dezembro de 1948.

5 São estes os princípios seleccionados: liberdade e igualdade de todos os seres humanos; não discriminação; direito à vida; proibição da tortura; direito a ser julgado num tribunal independente; presunção de inocência até prova em contrário; direito à vida privada, familiar e protecção da correspondência; liberdade de circulação; liberdade de pensamento, consciência e religião; liberdade de expressão e opinião; direito de participação nos assuntos públicos do seu país; igualdade de acesso a funções de natureza pública no seu país; direito ao trabalho; educação deve favorecer tolerância, compreensão mútua e amizade entre os povos; direito a que existam condições que permitam a plena aplicação dos direitos humanos.

Correspondência

Susana Gonçalves

Escola Superior de Educação Coimbra

Praça Heróis do Ultramar, Solum

3030-329 – Coimbra, Portugal

Susana@esec.pt

Valentim Rodrigues Alferes

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Coimbra

Rua do Colégio Novo, Apartado 6153,

3001-802 Coimbra

valferes@fpce.uc.pt

